

TEXTOS PARA DISCUSSÃO

LabCit/Gedri

V. 1, n. 7, 2020
ISSN 2675-3308

DINÂMICA ECONÔMICA NA REDE URBANA NO OESTE CATARINENSE

Diego da Luz Rocha

O **Laboratório de Estudos sobre Circulação, Transporte e Logística – Labcit** se constitui como espaço de interação entre pesquisadores, professores, estudantes e comunidade, oferecendo suporte para atividades de pesquisa, ensino e extensão. A origem do laboratório remete ao **Grupo de Estudos em Desenvolvimento Regional e Infraestruturas – Gedri**, constituído em 2005. O mesmo congrega pesquisadores de diferentes regiões do país. O grupo é certificado pelo CNPq desde 2005 e atualmente é sediado no Departamento de Geociências da Universidade do Federal de Santa Catarina (UFSC).

LABCIT/GEDRI
Departamento de Geociências
Bloco C do CFH, Sala 4
E-mail: labcit.gedri@gmail.com
Telefone: 048-3721-8594
Ramal: 8594



Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH
Departamento de Geociências – GCN
Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da UFSC
Laboratório de Estudos sobre Circulação, Transportes e Logística -
LABCIT
Grupo de Estudos em Desenvolvimento Regional e Infraestruturas -
GEDRI
Coordenador: Márcio Rogério Silveira

Site: <https://labcit.ufsc.br/>

DINÂMICA ECONÔMICA NA REDE URBANA NO OESTE CATARINENSE

Textos
para
Discussão

Diego da Luz Rocha

Possui graduação/bacharel em Geografia – UEL. Mestre em Geografia –UEL e doutorando em Geografia - UFSC

Resumo: A análise da formação da rede urbana no Oeste de Santa Catarina se faz necessária para entender a dinâmica econômica regional, sem deixar de lado o uso da categoria de análise da formação socioespacial de Milton Santos. A presente pesquisa tenta elucidar o processo histórico da ocupação da área em estudo, bem como os desdobramentos deste processo na configuração da rede urbana e suas interações. Para tanto, o uso de livros, artigos e dados estatísticos foram relevantes para confecção das informações, sobretudo, para delimitar as possíveis transformações que a mesorregião Oeste vem sofrendo com redirecionamento dos investimentos nos setores produtivos do estado. Por fim, a pesquisa se encaminhou no sentido de mostrar a divisão territorial do trabalho, bem como, a hierarquia urbana entre as cidades do Oeste quanto do restante do estado, isto, para demonstrar que muitos municípios fazem influenciam e recebem influências de cidades distantes.

Palavras chave: Formação Socioespacial; Rede Urbana; Hierarquia Urbana.

ECONOMIC DYNAMICS IN THE URBAN NETWORK IN WEST CATARINIAN

Abstract: The analysis of the formation of the urban network in the West of Santa Catarina is necessary to understand the regional economic dynamics, without leaving aside the use of Milton Santos's category of analysis of socio-spatial formation. The present research tries to elucidate the historical process of the occupation of the studied area, as well as the consequences of this process in the configuration of the urban network and its interactions. To this end, the use of books, articles and statistical data were relevant to the preparation of information and above all, to delimit the possible transformations that the western mesoregion has been undergoing with redirection of investments in the productive sectors of the state. Ultimately, the research has moved towards showing the territorial division of labor, as well as the urban hierarchy between cities in the West and the rest of the state, this to demonstrate that many municipalities do influence and receive influences from distant cities.

Keywords: Socio-spatial training; Urban Network; Urban hierarchy.

INTRODUÇÃO

Compreender o processo de formação da rede urbana e suas interações espaciais através da formação socioespacial é um essencial para acompanhar as dinâmicas e transformações econômicas nas mesorregiões catarinense. Os processos histórico-sociais têm relevância na formação de cada uma delas, visto que, no Oeste, as estruturas populacional, produtiva e econômica, sofreram grandes transformações nos períodos do fim do século XIX e início do século XX. A participação econômica desta região se fez presente na produção da erva-mate e da madeira e, a partir da década de 1920, na produção mercantil e de alimentos. Este último, obteve destaque a partir de 1930 quando a indústria de derivados de carne suína iniciou o processamento, vendas para o estado e para o Brasil, em períodos diferentes.

Para Santos (1997) a formação socioespacial é a análise de tudo aquilo que é concreto em uma sociedade, sem dúvida, abrangendo vários setores que possam explicar o processo de formação social, como por exemplo: a evolução, as mudanças históricas e suas relações em dada localidade. Na definição do autor, a ação do ser humano está implícita ao meio. Esta categoria de análise permite compreender a produção e a força produtiva que, em segundo momento, gera acumulação de capital que contrapõe áreas de pequena produção mercantil e latifúndio.

As transformações na configuração da rede urbana no Oeste catarinense, passaram por períodos de intensos investimentos, que, por consequência, melhoramento nas vias de transporte rodoviário, fortalecimento da indústria alimentícia, este intensificou o processo de urbanização após anos 1970/1980 na região em pauta. Estes acontecimentos alavancaram a econômica local e fortaleceram nas relações entre as cidades, visto que algumas atraem e dependem tanto de insumos e mão de obra das menores, como é o caso de Chapecó, Concórdia, Caçador, Videira, Joaçaba e entre outras que tem, em seu território, plantas de indústrias agroalimentar ou de processamento da madeira.

O texto, portanto, será conduzido pela delimitação do processo de formação de uma rede urbana no Oeste catarinense para verificar os impactos das principais cidades da região nesta rede e de qual maneira influenciará outras localidades dentro da mesorregião Oeste e do estado.

FORMAÇÃO DA REDE URBANA NO OESTE CATARINENSE E SUA DINÂMICA

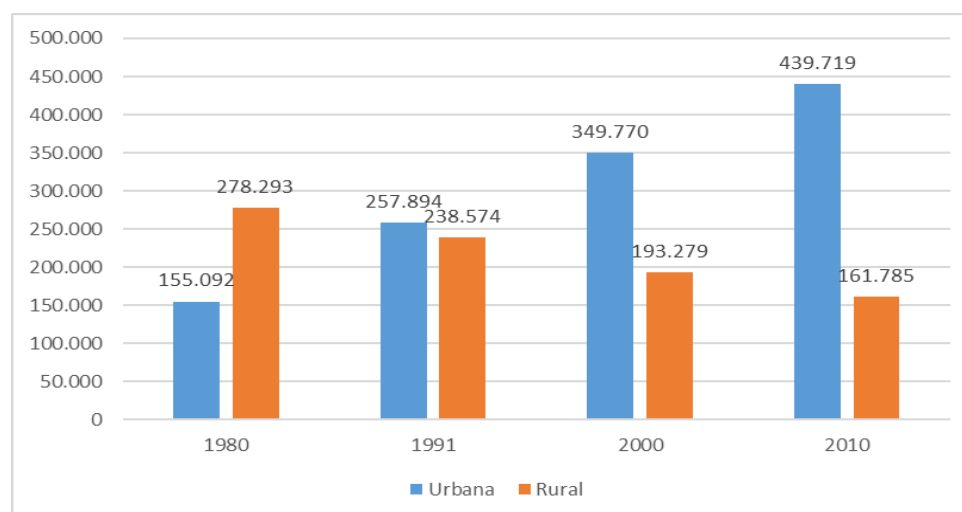
Até meados do século XX, a região Oeste apresentava sinais que sua economia seria pautada na produção de alimentos, mesmo sem esquecer da madeira e erva-mate, que proporcionaram acumulação de capital antes do fortalecimento da indústria agroalimentar. Na tabela abaixo, entre as décadas de 1940/1950, é possível observar os principais produtos da região que ganharam expressividade ao longo dos anos seguintes.

Tabela 1: Produção de produtos alimentícios na região Oeste entre 1940/1950.

	Produção regional				Total Santa Catarina			
	1940	%	1950	%	1940	%	1950	%
Milho (t)	81.042	28	188.118	46,7	288.590	100	402.471	100
Feijão (t)	4.768	20,1	11914	33	23.660	100	36.000	100
Trigo(t)	6.001	55	42.959	69	10.904	100	61.857	100
Suínos (cabeças)	271.233	23,7	1.373.944	83,8	1.144.426	100	1.639.037	100

Fonte: IBGE - Censo Agrícola, 1952; 1956.

É interessante observar na tabela, o período de 1940/1950 todos os produtos obtiveram aumento na produção em toneladas, mas foi a produção de suínos/cabeças que obteve maior ganho em dez anos, alcançando o total de 1.102.761 toneladas. Já a produção estadual ficou na casa dos 494.611 suínos/cabeça no mesmo período. Isso se deve, essencialmente, pelo aumento da população no espaço rural. Esse fato, todavia, começou a mudar a partir da década de 1960 e se intensificou até 1980, quando a agroindústria se fortaleceu. A relação entre a população nos espaços urbano e rural pode ser vista no gráfico 1.

Gráfico 1: População urbana e rural da região Oeste de Santa Catarina entre 1980-2010

Fonte: IBGE, Diretoria de Estatística, Geografia e Cartografia, 2010. Nota: Censos Demográficos 1980, 1991, 2000 e 2010.

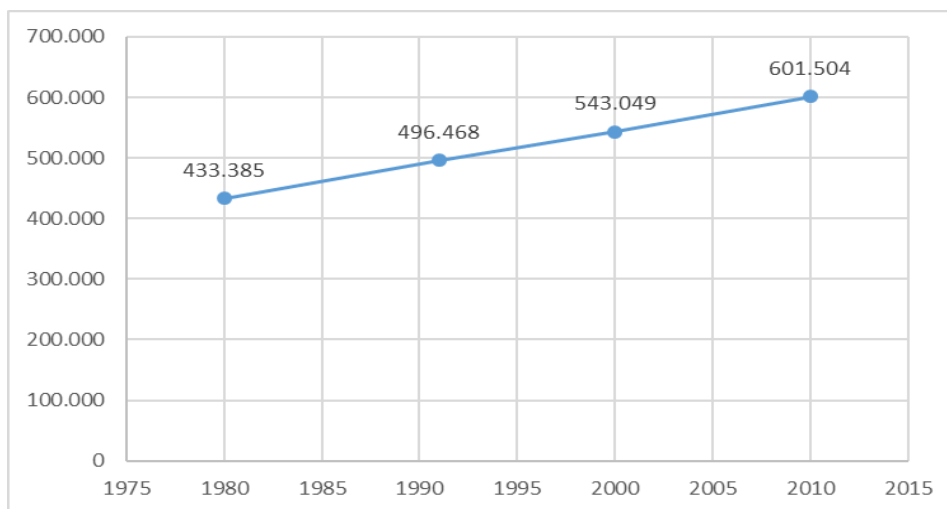
Embora a êxodo rural na região tenha acontecido mais tarde, a agroindústria começou a fornecer seus produtos para outras regiões do país a partir de 1950, quando sentiu a necessidade de aumentar a produtividade de derivados da carne suína e de aves. Andrade (1991), diz que:

O desenvolvimento industrial, estimulando o crescimento da população urbana, e o surgimento de grandes núcleos populacionais concentrados, criou a necessidade de abastecimento desses núcleos, as redes de estradas que possibilitaram a chegada aos mesmos dos produtos agrícolas. Esse crescimento se faz ora de forma *horizontal*, com a ampliação da área cultivada, ora de forma *vertical*, com o crescimento da produção por hectare cultivado -

aumento da produtividade. Para se obter um crescimento vertical da produção, tanto em relação à área ocupada como em relação ao número de braços ocupados, a agricultura vem sendo racionalizada, com maior emprego de máquinas e a consequente mecanização das fainas agrícolas (ANDRADE, 1991, p. 214).

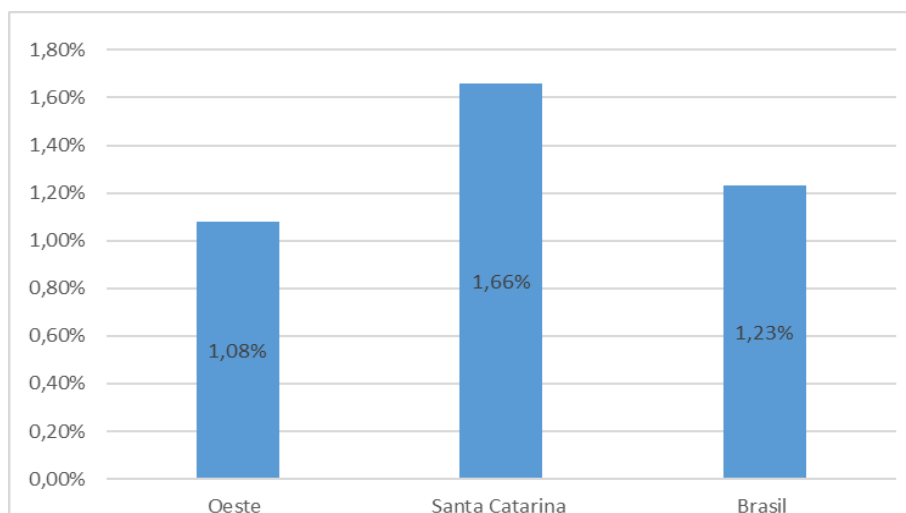
Já na década de 1990, a ampliação das plantas industriais voltadas para processamento da carne suína e de aves contribuiu para que o espaço urbano seguisse ganhando população. No gráfico 2 é possível perceber o ganho populacional na mesorregião Oeste de Santa Catarina, porém, embora esteja crescendo ao longo dos anos, comparando com a taxa de crescimento do estado, ainda fica abaixo em porcentagem, podendo conferir no gráfico 3.

Gráfico 2: População da mesorregião Oeste de Santa Catarina entre 1980-2010



Fonte: IBGE, Diretoria de Estatística, Geografia e Cartografia, 2010. Nota: Censos Demográficos 1980, 1991, 2000 e 2010.

Gráfico 3: Taxa de crescimento médio anual da população entre 2000/2010



Fonte: Resultados elaborados pelo SEBRAE/SC com base em dados do IBGE - apoiados nos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Percebe-se que a população no Oeste catarinense está em plena ascensão, com taxa de crescimento anual de 1,08%, ficando abaixo da taxa do estado que é de 1,66% e abaixo da taxa do país (1,23%). Isto não

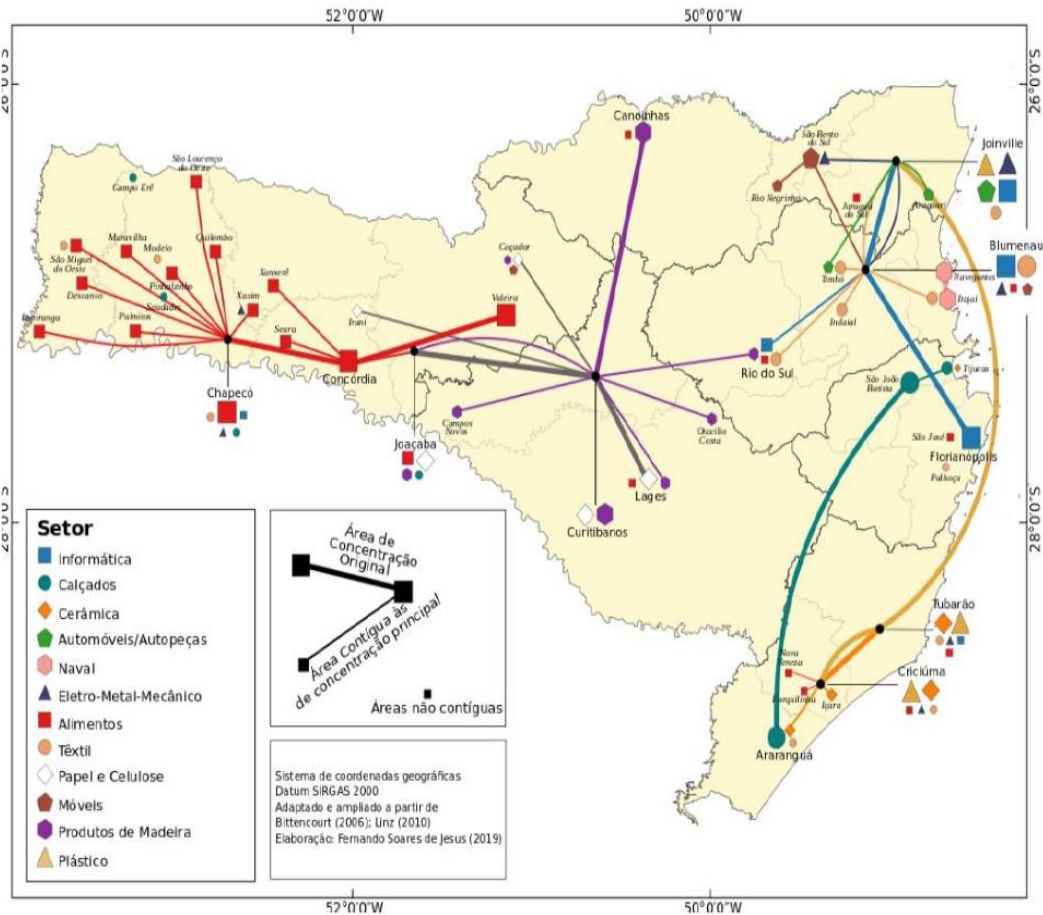
significou uma redução na participação econômica no estado, embora, como salienta Espíndola (2020), o fluxo migratório tende a se concentrar em regiões que recebem maiores investimentos, mas entre 1991 e 2010 as regiões que mais perderam população foram a Oeste e Serrana. Dados da FIESC (2018) indicam que cidades com 50 mil habitantes ou mais absorveram mais pessoas, enquanto aquelas que variam entre 50 a 20 mil habitantes se mantêm com a população estável e os municípios com até 20 mil habitantes vivenciam perdas populacionais mais intensas. No Oeste, caracterizado por pequenas e médias cidades, municípios como Chapecó, Concórdia, Videira, Caçador, Joaçaba, entre outras, que se enquadram na faixa de 20 a 50 mil habitantes não apresentam perdas populacionais em função da estrutura funcional de seus territórios, configurando-se como localidades com poder de atração, conforme demonstrado no mapa 1.

IMPORTÂNCIA DA REDE URBANA E SUA HIRTERLÂNDIA

Santos (1989) apontou os três elementos cruciais do estudo de rede: massas (populações, densidade, distribuição, produção e valor), fluxos (que contém as massas, ou seja, a produção agrícola, os fluxos monetários, de informações, etc.), e tempo (que permite explicar o fenômeno da disparidade, grau de infraestrutura agrícola, industrial, de transportes e serviços). Por sua vez, Corrêa (1989, p. 8) pontua que “a rede urbana se constitui em um conjunto de centros funcionalmente articulados, o que por sua vez, reflete e condiciona as transformações econômico-sociais”. Ao trazer a discussão para o Oeste catarinense, vê-se a formação de centros funcionalmente articulados, capazes de condicionar inicialmente a orientação dos fluxos migratórios a partir da colonização e, posteriormente, a formação da indústria de beneficiamento de carne (ESPÍNDOLA, 2002).

A rede urbana nesse caso é constituída por cidades de pequeno à médio porte, tendo como principal atividade econômica a agroindústria. São poucos municípios que se destacam na produção de produtos derivados da carne suína ou de aves, mas é importante restar que a hinterlândia de cidades como Chapecó, Concórdia, Videira, Xanxerê, Seara, Joaçaba, exige o seu abastecimento a partir de cidades menores.

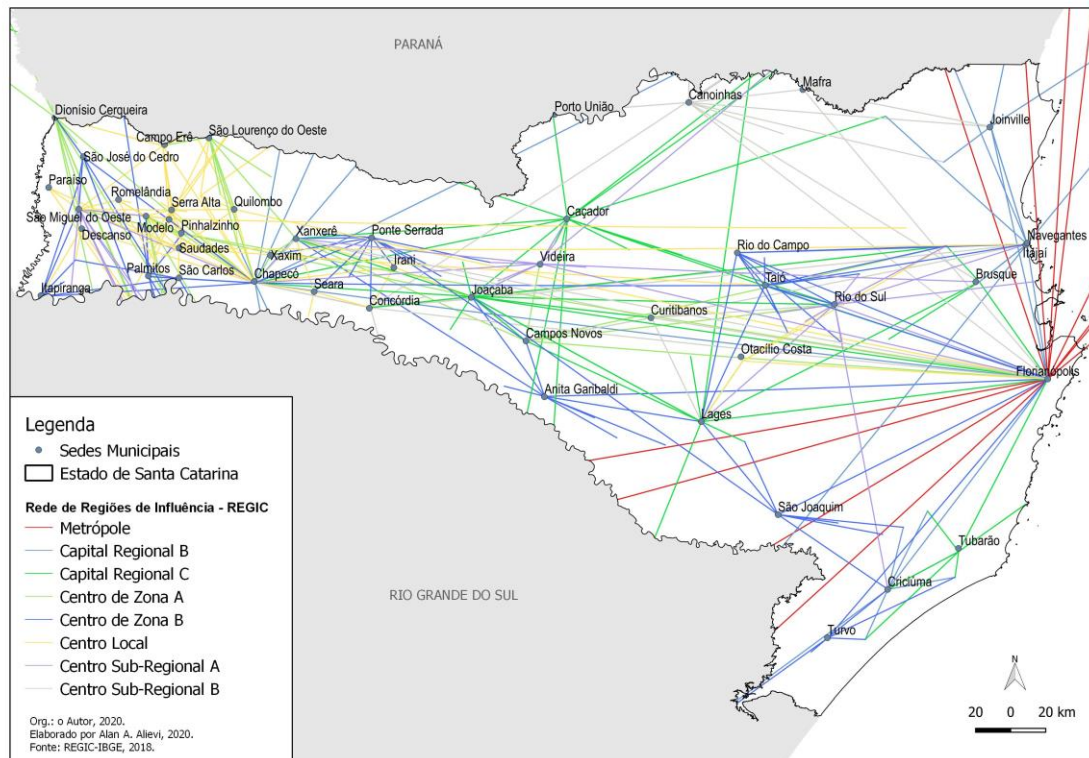
Mapa 1: Configuração territorial das estruturas industriais de Santa Catarina



Fonte: Elaborado a partir de Lins (2005); Cario e Fernandez (2010). Citado por: Espíndola, (2020).

O mapa acima mostra as principais cidades da mesorregião Oeste que tem indústria alimentícia, bem como a estrutura produtiva do estado. Observando os municípios do Oeste e as estruturas funcionais, é importante frisar que as cidades que exercem o poder de centralidade são: Chapecó (alimentos, calçados, informática, eletro-metal-mecânico e têxtil); Joaçaba (alimento, papel celulose, calçados e produtos de madeira); Caçador (papel celulose, móveis e produtos de madeira); Concórdia, Videira, Xanxerê, Seara, Xaxim, Maravilha, São Lourenço do Oeste, Quilombo, São Miguel do Oeste, Ipiranga, Pinhalzinho e Palmitos, todas com atividade principal a indústria alimentícia. Todos os municípios citados acima influenciam diretamente sua *hinterland*, ou seja, as cidades pequenas que estão situadas ao redor de localidades de maiores estruturas funcionais, que tem necessidade de abastecimento de insumos/matéria-prima para as indústrias.

Mapas 2: Principais cidades na rede urbana do Oeste catarinense.



Fonte: REGIC – Regiões de Influências das Cidades, 2018. Elaborado por: Alan A. Alievi, 2020.

Para corroborar com essa discussão, apresenta-se ainda o mapa 2, com base na REGIC, representando as regiões de influência das cidades e a configuração da rede urbana do Oeste. Cidades como Florianópolis, Joinville, Lages e Chapecó representam nós da rede urbana, pontos de centralidade da rede estadual. Também é importante lembrar que as redes são estruturadas mediante a acumulação de capital, bem como seus complexos de produção, distribuição, circulação e consumo (CASARIL, 2010).

Ao analisar a composição do PIB estadual por setores da economia em 2017, verifica-se, tal como apontaram Mattei *et al* (2012), que a concentração da força de trabalho catarinense é mais visível em setores econômicos que são mais especializados. Isto porque setores como a indústria no Norte, serviços na Grande Florianópolis e agropecuária no Oeste contribuíram em grandes parcelas para o PIB estadual em função da diferenciação de investimentos em determinadas regiões, que resulta, por fim em novas economias de aglomeração (ESPÍNDOLA, 2020).

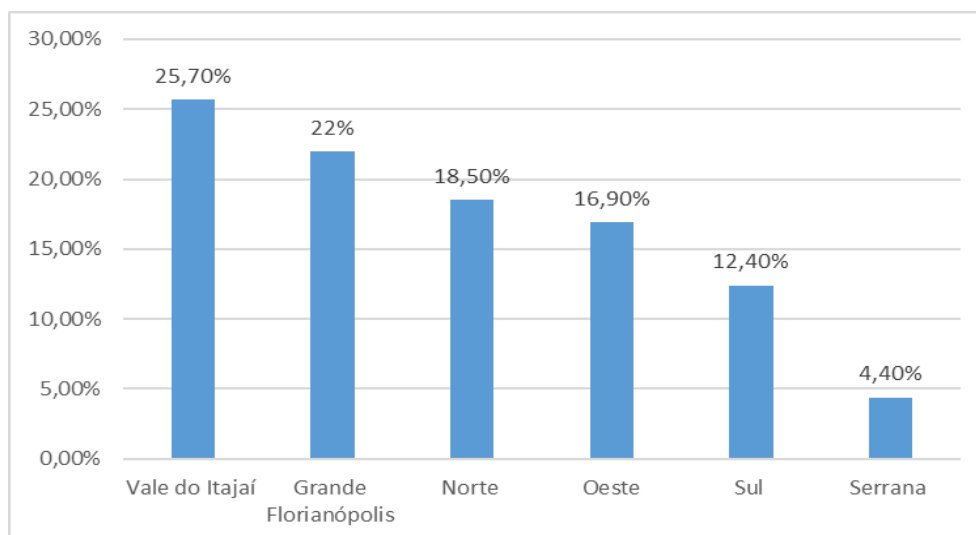
Tabela 2: Composição do PIB nas mesorregiões de Santa Catarina - 2017

Mesorregião	Agropecuária	Indústria	Serviços
Grande Florianópolis	2,50%	18,50%	79,10%
Norte	4,40%	37,60%	58%
Oeste	14,40%	30,60%	55%
Serrana	14,90%	30,20%	54,90%
Sul	7,10%	32,40%	60,50%
Vale do Itajaí	2,50%	30,30%	67,20%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017).

Espíndola (2020, p. 168-169) aponta que “entre 2003-2017, vem ocorrendo um processo de concentração/desconcentração territorial da produção. Vários municípios perdem participação na estrutura de mercado de determinados produtos, mas ganham em outros em um verdadeiro processo de especialização”. Isso ajuda a compreender a razão porque regiões como Vale do Itajaí e Grande Florianópolis tiveram aumento na geração de empregos, por serem centros mais especializados, enquanto o Oeste ficou apenas em quarto lugar, em função da baixa especialização.

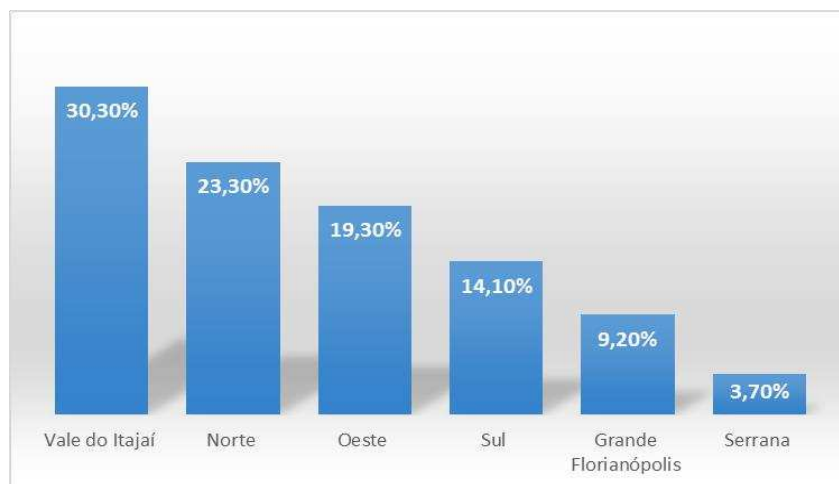
Gráfico 5: Composição de Empregos/Geral – 2017



Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS, 2017).

Para elucidar ainda mais essa questão, o gráfico 6 apresenta a composição de empregos nas indústrias.

Gráfico 6: Composição de Empregos/Industrial por Mesorregiões - 2017

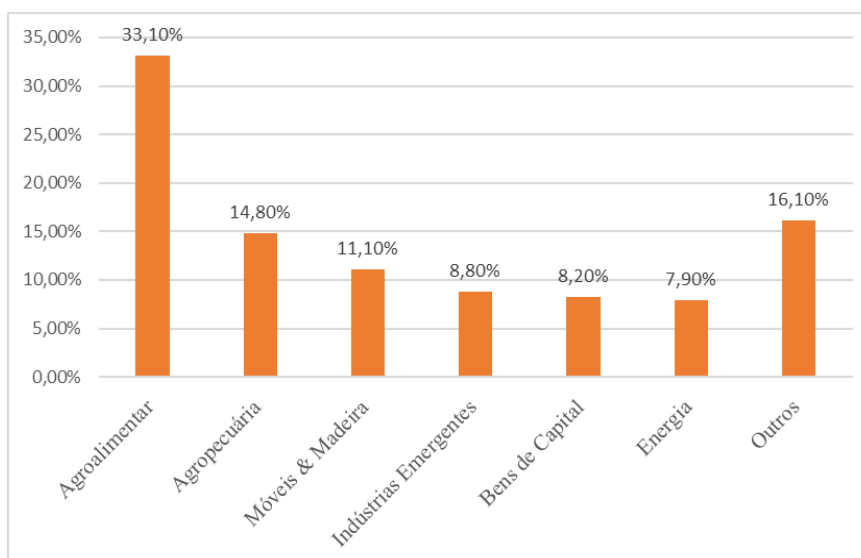


Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS, 2017).

Apesar da pouca especialização da mão de obra e de não obter as maiores fatias de participação no PIB, por não se configurar como um polo de atração de capitais, a produção agroindustrial oestina se configura como o maior setor de exportação estadual. Isto se deve ao fato de que o parque investimento existente está direcionado ao aumento da produtividade industrial, modernização de equipamentos e

melhorias no processo produtivo, e não, necessariamente, na geração de novos empregos e capacitação dos existentes. O alto índice de exportação já era registrado no período pós-2000 (ESPÍNDOLA, 2020).

Gráfico 7: Exportações por Setor - 2016



Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC, 2016).

Outros números da FIESC (2017) indicam que Santa Catarina possuía 6.887.376 milhões de suínos, correspondente a 17,2% do total no Brasil. Já na produção de aves, no mesmo ano, o estado somou cerca de 140.146.082 milhões, correspondendo 10,4% do total brasileiro (FIESC, 2017).

CONCLUSÃO

Na mesorregião estudada, as transformações ocorrem tanto no campo quanto na indústria, resultando em mudanças significativas na rede urbana e em sua hierarquia. O setor de alimentos, por exemplo, estudado por Espíndola (2020) ainda tem sua maior concentração na região, mas vivencia um processo de dispersão em áreas contíguas, que concentram esta atividade econômica, e passa a atingir, progressivamente, áreas não-contíguas no Norte e Sul do estado.

Diante dos processos de concentração, dispersão e exclusão das atividades produtivas catarinenses, ocorre uma redefinição da participação das mesorregiões na divisão social do trabalho, o que altera, por sua vez, a dinâmica populacional e distribuição da força de trabalho para gerar uma nova configuração socioespacial catarinense (ESPINDOLA, 2020). Tal fato já pode ser visualizado na mudança na participação regional no total do PIB estadual, onde todas as mesorregiões, exceto o Vale do Itajaí e a Grande Florianópolis, perderam participação em decorrência dos diferentes investimentos recebidos.

Embora o Oeste catarinense tenha ficado em terceiro lugar na composição do PIB estadual, vale lembrar que atualmente a região tem grande influência no estado, pois quando o assunto é exportação, os produtos agroalimentares ficam em primeiro lugar, revelando a grande produção e participação da rede urbana da mesorregião Oeste na economia de Santa Catarina.

Esta breve análise aponta para a necessidade de compreender mais a fundo a rede em que se insere o Oeste catarinense a fim de compreender as razões para dispersão das atividades produtivas e quais serão os caminhos tomados pelos poderes público e privado para evitar a evasão de pessoas, reter talentos e promover novas formas de crescimento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia econômica**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

ATLAS GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA. Disponível em <<https://sites.google.com/a/spg.sc.gov.br/atlas-geografico-de-santa-catarina/>>. Acesso em: 5 de agosto de 2020 às 9:00 hrs.

CARIO, Silvio. A. F.; FERNANDES, R. L. Indústria em Santa Catarina: processo de desindustrialização relativa e perda de dinamismo setorial. In: MATTEI, Lauro.; LINS, Hoyedo. N. (Org.) **A Socioeconomia catarinense: cenários e perspectivas no início do século XXI**, Chapecó: Argos 2010. p.197-247.

CASARIL, C.C. “Pequenas Cidades” ou “Cidades Locais”? Por uma perspectiva teórico-metodológica atual. **Anais...** XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre, 2010

CORRÊA, R. L. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989.

ESPÍNDOLA, Carlos José. Configurações socioespaciais das estruturas produtivas catarinenses pós-2000. **Entre Lugar**, Dourado, v. 11, n. 21, p. 159-182, 2020.

ESPÍNDOLA, C. J. **As agroindústrias da carne do Sul do Brasil**. 2002. 261 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo - USP. São Paulo, 2002.

ESPÍNDOLA, CARLOS JOSÉ. Evolução e dinâmica da economia urbana da fachada atlântica catarinense: breves considerações. In: XIV SIMPURB, 2015, **Anais [...]**, Fortaleza: UFCE, 2015. p. 131-154.

FIESC. Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. Santa Catarina em Dados/Observatório da Indústria Catarinense. Florianópolis: FIESC, 2017. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/192fdldTH-rOAZIzRiKdBagUNYbsxy7Iz/view>>. Acesso em: 13 de agosto de 2020 às 21:00 hrs.

FIESC. Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. **Desempenho e perspectivas da indústria catarinense**. Florianópolis, SC. 2018. Disponível em: <<http://fiesc.com.br/>>. Acesso em: 30 mai.2019.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9754&t=series-historicas>> Acesso em: 10 de agosto de 2020 às 10:30 hrs.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/21814-2017-censo-agropecuario.html?=&t=series-historicas>>. Acesso em: 13 de agosto de 2020 às 20:40 hrs.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de Influência das Cidades – REGIC**. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?=&t=downloads>>. Acesso em: 01 de agosto de 2020 às 14:00 hrs.

LINS, H. N. Dinâmica produtiva e capacidade de produção de valor agregado. In: CARIO, S. A. F. et al. (Coords). **Programa estratégico de desenvolvimento com base na inovação. Florianópolis: UFSC e Governo do Estado de Santa Catarina.** Florianópolis, SC. v III, 2005, p. 566-572

MATTEI, Lauro. F.; LAVRATTI, B. B.; PELED, R. de A. Comportamento do mercado de trabalho no estado de Santa Catarina entre 2001 e 2011. **Revista NECAT.** Florianópolis, SC. v. 2, n. 3 p. 26-43. Jul-agosto, 2012. Disponível em: <<http://necat.ufsc.br/files/2013>>. Acesso em: 13 agosto. 2020.

MIOTO, Beatriz Tamasso. **Integração econômica e rede urbana em Santa Catarina:** Transformações no período da desconcentração produtiva regional (1970-2005). Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento econômico – Área de concentração: Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente) – UNICAMP, Campinas, SP, 2011.

RAIS. Relatório Anual de Informação Social. **Evolução de Emprego.** Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/eec/pages/consultas/evolucaoEmprego/consultaEvolucaoEmprego.xhtml#relatorioSetor>>. Acesso em: 13 de agosto de 2020 às 21:15 hrs.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: **Regiões de Influência das Cidades** – REGIC, 2018. Disponível em:< <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?=&t=downloads>>. Acesso em: 14 de agosto de 2020 às 14:00 hrs.

SANTOS, M. Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como Método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.54, p.81-100, jun. 1977.

SANTOS, M. **Manual de Geografia Urbana.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

SEBRAE. Santa Catarina em Números: **Macrorregião Oeste/Sebrae/SC.** Florianópolis: Sebrae/SC, 2013.

SEBRAE. Santa Catarina em Números: **Santa Catarina.** Florianópolis: Sebrae/SC, 2013.

Como citar:

ROCHA, D. L. Dinâmica econômica na rede urbana no oeste catarinense. **Textos para Discussão.** Florianópolis, v.1, n.7, 2020.